



Discussões da Idade Mídia em “Horton e o Mundo dos Quem”¹

Isaque Resende de FREITAS²

Jeniffer de Elias MOREIRA³

Rodrigo FOLLIS⁴

Martin Kuhn⁵

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Eng. Coelho, SP

Resumo

Através da análise do filme “Horton e o Mundo dos Quem” debate-se alguns conceitos do campo comunicacional pós-moderno, tais como: Crise da verdade. Mídia como poder dominante. Manipulação midiática na pós-modernidade. Ditadura da imagem e do entretenimento. Poder da imagem. E como tais fatores afetam as credenciais éticas da sociedade pós-moderna e quais lições o elefante Horton pode ensinar a atual geração.

Palavras-chave

Análise de Filme, Ética, Manipulação Midiática, Mídia e Poder, Pós-Modernidade.

Introdução

O filme “Horton e o Mundo dos Quem!” (Dr. Seuss's Horton Hears a Who!), gravado pela Blue Sky Studio e distribuído pela Fox em março de 2008, é uma versão adaptada do livro de mesmo nome publicado em agosto de 1954 pelo escritor Theodor Seuss Geisel, mais comumente conhecido como Dr. Seuss. A obra de 88 minutos, animada em gráficos 3D, conta com grandes nomes da comédia mundial, como Jim Carrey (na voz de Horton), Steve Carell (na voz do Prefeito de Quemlândia) e Charles Osgood como narrador da história⁶.

Quanto ao contexto histórico da criação de Dr. Seuss, é válido lembrar todo o período da Guerra Fria e da Segunda Guerra Mundial, vividos pelo autor. A clara analogia entre a grandiosidade dos Estados Unidos em relação ao pequeno espaço territorial que o Japão possui, serve como uma parábola da ocupação americana no

¹ Trabalho apresentado na Sessão Comunicação audiovisual (cinema, rádio e televisão), da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda do Unasp Eng. Coelho email: isaquerf@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda do Unasp Eng. Coelho email: jeniffer.elias@yahoo.com.br

⁴ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda do Unasp Eng. Coelho email: rodrigofollis@yahoo.com.br

⁵ Orientador do trabalho, Doutorando em Comunicação Social. Professor e Coordenador do Curso de Publicidade e Propaganda do Unasp Eng. Coelho, email: martin.kuhn@unasp.edu.br.

⁶ As principais informações sobre Dr. Seuss, o livro e o filme de “Horton e o Mundo dos Quem” foram encontradas nos seguintes sites (todos acessados em 11/05/2008): <http://www.tfaoi.com/aa/1aa/1aa291.htm>; http://en.wikipedia.org/wiki/Dr._Seuss#Political_views; <http://www.seussville.com/>



Japão pós-guerra. Embora a realidade externa vivida pelo autor seja importante, temos que manter em mente as seguintes palavras de Kossoy:

“Por definição, as imagens visuais sempre propiciam diferentes leituras para os diferentes receptores que as apreciam ou que dela se utilizam enquanto objetos de estudo. Por tal razão elas se prestam a adaptações e interpretações ‘convenientes’ por parte desses mesmos receptores, sejam os que desconhecem o momento histórico retratado na imagem, sejam aqueles engajados a determinados modelos ideológicos, que buscam desvendar significados e ‘adequá-los’ conforme seus valores individuais, seus comprometimentos, suas posturas aprioristicamente estabelecidas em relação a certos temas ou realidades, em função de suas imagens mentais. A imagem fotográfica, como toda a sua carga de ‘realismo’, não corresponde necessariamente à verdade histórica, apenas ao registro (expressivo) da aparência... fonte, pois, de ambigüidades”. (2002, p. 44-45)

Na história, Horton é um alegre e animado elefante cheio de imaginação que mora na floresta de Nool. Certo dia ele ouve um ruído vindo de um grão de poeira, que voava perto de seus ouvidos. O primeiro pensamento gerado é sobre a possibilidade de haver pessoas pequeninas dentro do grão, as quais precisariam de ajuda. Ele sussurra, fala, grita até que consegue se comunicar com o prefeito da cidade de Quemlândia, cidade esta alojada dentro do grão de poeira. Horton precisa provar ao prefeito que ele (Horton) realmente existe e pode ajudá-los a evitar a iminente destruição de Quemlândia.

Em Quemlândia, ninguém acredita que a cidade pode ser destruída e que existe alguém “lá em cima” que pode ajudá-los, pois devido ao discurso do governador, a população só quer saber de festejar o “Quemcentenário”. E na floresta de Nool, ninguém acredita que dentro do grão existe uma população inteira de pequenos seres, pois como o elefante possui grandes orelhas, apenas ele consegue ouvi-los.

A Canguru, uma espécie de chefe local, proíbe Horton de ficar espalhando aquela história, pois isto estragará a mente das crianças. A partir daí, o protagonista da história parte em busca de um local seguro para alojar o grão e manter todos a salvo, mesmo que para isso tenha que cair no desagrado da Canguru.

Objetivos e Metodologia do Trabalho⁷

À luz de teóricos da comunicação e escritores pós-modernos, serão reportadas as comparações entre as cenas do filme e a filosofia pós-modernista. Para tal feito serão

⁷ Embora se analise a importância da imagem dentro da pós-modernidade por questão de espaço foi descartada o uso de imagens do filme para melhor ilustrar as análises feitas. Incentiva-se, se possível, o assistir o filme antes e depois da leitura deste paper (embora tenha se tentado chegar o mais próximo possível da imagens nas descrições feitas de cenas do filme).

considerados, entre outros, os seguintes teóricos ARBEX, SARTORI, VEITH. Não se tem por objetivo principal o entendimento primário (o qual o autor quis imprimir), dado que tal obra não tenha sido feita para tratar de tais assuntos analisados neste trabalho. Será feita uma releitura proposital. Confrontados o pensamento de tais teóricos comunicacionais e pós-modernistas com imagens do filme.

A muito sabe que as imagens visuais provocam diferentes impactos em diferentes pessoas, por tal questão não se pretende obter uma interpretação-padrão para os registros analisados (KOSSOY, 2002, p. 46). Em nossos dias encontra-se uma inversão histórica importante, onde a imagem “já não ilustra a palavra; é a palavra que estruturalmente, é parasita da imagem”, a palavra não mais “vem subliminar, patetear ou racionalizar a imagem”. Nas palavras de Barthes, o preço pago por tal feito é o fato de a palavra hoje não passar “de uma espécie de vibração segunda, quase inconseqüente” da imagem. (BARTHES, 2000, 333). Barthes sabiamente nos recorda que:

“temos mais a fazer do que recensear diretamente os conteúdos ideológicos de nosso tempo, pois tentando reconstruir em sua estrutura específica o código de conotação de uma comunicação tão larga como a fotografia impressa, podemos esperar reencontrar, em sua finura mesma, as formas de que nossa sociedade usa para se serenar, e por aí apreender a medida, os desvios e a função profunda desse esforço.” (BARTHES, 2000, 338)

Sendo assim, parece que na moderna sociedade da imagem, se a palavra quiser sobreviver, deve se ancorar na imagem. Ao fazer tal uso, a palavra provavelmente não terá seu antigo valor de volta, mas ao menos poderá passar a mensagem pretendida. Kossoy nos explica que:

“A fotografia estabelece em nossa memória um arquivo visual de referência insubstituível para o conhecimento do mundo. Essas imagens, entretanto, uma vez assimiladas em nossas mentes, deixam de ser estáticas; tornam-se dinâmicas e fluidas e mesclam-se ao que somos, pensamos e fazemos. Nosso imaginário reage diante das imagens visuais de acordo com nossas concepções de vida, situação socioeconômica, ideologia, conceitos e pré-conceitos. (...) A imagem fotográfica é um rele que aciona nossa imaginação para dentro de um mundo representado (tangível ou intangível), fica na sua condição documental, porém moldável de acordo com nossas imagens mentais, nossas fantasias e ambições, nossos conhecimentos e ansiedades, nossas realidades e ficções. A imagem fotográfica ultrapassa, na mente do receptor, o fato que representa”. (KOSSOY, 2002, p. 46)

Após esta breve introdução dividiremos este trabalho em sete partes. A saber: 1. Mídia, Comunicação e Poder; 2. Quebra dos Antigos Paradigmas (A Crise do Absoluto); 3. Os Quem e o comodismo social (A crise da superfície); 4. Os Quem e a



Mercantilização Cultural; 5. O Governador e a Mídia; 6. O Poder da Imagem; 7. Horton e a Ética no Mundo Pós-moderno. Seguidos de uma breve Conclusão.

1. Mídia, Comunicação e Poder

A relação entre democracia e poder é interessante em Horton e o Mundo dos Quem. A Canguru consegue mobilizar todos os animais da floresta com suas idéias e objetivos. Horton passa de um elefante bobo-alegre a um grande perigo, alguém que perverterá os bons costumes e gerará caos e anarquia.

Na democracia clássica, a decisão final tem lugar após todos do grupo terem oportunidade de participar, de maneira igual, do debate, da discussão e da crítica pública. “A maior parte da comunicação flui de maneira circular pelos cidadãos e entre eles” (FAGEN, 1971, p. 39). Pode se argumentar que tal democracia não mais existe. Quanto a tal fato Sartori afirma:

“A televisão privilegia (...) a emotivização da política, isto é, uma política relacionada ou reduzida a pincas de emoções. (...) Ela faz isso narrando avalanches de histórias lacrimosas e peripécias tocantes. Ou, de modo inverso, faz isso decapitando ou marginalizando cada vez mais as ‘cabeças que falam’, (...) Em geral, a questão é que a cultura da imagem gerada em primazia do visual é portadora de mensagens ‘quentes’ que, justamente, esquentam as nossas emoções, acendem os nossos sentimentos, excitam os nossos sentidos e, em suma, apaixonam. (...) E por mais que a palavra possa inflar (por exemplo, no rádio) a palavra é de fato menos aquecedora do que a imagem. Portanto, a cultura da imagem quebra o equilíbrio delicado entre paixões e racionalidade. A racionalidade do homo sapiens está retrocedendo. E a política emotiva, emotivizada e aquecida pelo vídeo, levanta e atíça problemas sem fornecer qualquer idéia de como resolvê-los. E desse modo os agrava ainda mais.” (Sartori, 2001, 102).

Essa relação da mudança do formato democrático está presente no filme, nas cenas onde são apresentadas às reivindicações da Canguru em relação ao problema causado por Horton e a Flor. Em dado momento a líder marsupial argumenta com o inocente elefante sobre o perigo das pessoas começarem a usar a imaginação, o que não pode ser tolerado. Todo pensamento imaginativo, o qual foge do que hoje é considerado fato comprovado, não pode ser tolerado. Tudo que tem para ser pensado já o foi.

“Esse mecanismo de ‘fabricação da opinião’ simula a democracia: aparentemente, a ‘opinião’ divulgada pela mídia interfere no curso dos acontecimentos, dando a ilusão de que o público foi levado em consideração. Na realidade, os indivíduos permanecem isolados, espalhados pelas mais distintas cidades, regiões, estados e países, sendo virtualmente ‘unificados’ pela mídia, mas sem terem exercido qualquer interlocução. É a ‘ágora eletrônica’ que simula a antiga *polis*, onde tudo se debatia.” (ARBEX, 2003, p. 56).



Apenas um simples discurso sobre o que estaria acontecendo com os bons costumes da floresta e poucas palavras sobre como Horton estaria envenenando a mente das crianças, é o suficiente para que todos os animais sigam às suas ordens.

José Arbex chega a afirmar que as megacorporações de comunicação “simulam a ágora que legitimará suas próprias estratégias de dominação e controle”. No caso da Canguru, vemos de forma clara tais interesses. Já no final do filme, o “último apelo” é feito a Horton: “Diga a todos que você está errado e eu estou certa, assim você não precisará sofrer as conseqüências”. O poder de mobilização política da Canguru serve de alerta para o poder daqueles que possuem a credibilidade e os meios de comunicação.

2. Quebra dos Antigos Paradigmas (A Crise do Absoluto)

A Ciência Moderna ao se colocar como a forma mais precisa de se encontrar qualquer resposta, acabou por se elevar a um estado de verdade absoluta, conseguindo o poder de lastrear e condenar quaisquer outra pretensa forma de se encontrar o conhecimento. Quanto a isso DOLL Jr. afirma:

"Ela [a ciência] cumpriu tão bem e tão efetivamente a tarefa de controle, que durante este século a Ciência se expandiu, de uma disciplina ou procedimento, para um dogma, (...) criando [assim] o cientismo." (1997, p.18).

No filme, o prefeito de Quemlândia, começa a notar que algo está errado com o tempo e os eventos na natureza. Tentando entender o que acontece, através de uma casualidade, ele ouve Horton falar por um cano que serve como amplificador. O diálogo que se segue é resumido apenas nas falas do prefeito: “Quem está aí? Horton? Deve ser alguém da contabilidade me pregando uma peça. Céu? Como assim você está no céu? Deve ter alguma coisa errada, eu não moro em um grão, moro em Quemlândia. Ok, então prove que você está aí no céu”. Nesse momento tudo fica claro e escuro em Quemlândia, pois Horton, com as orelhas, protege o grão dos raios de Sol

O prefeito corre em desespero para a Quem Universidade, onde tenta descobrir quais serão os efeitos de um elefante estar segurando o “mundo-grão”. Essa ação contrasta com o modelo imposto pela Canguru. Esta, ao receber a informação de que existe vida dentro de um minúsculo grão de pó, não apenas deixa de acreditar, como reage de maneira ditatorial contra quem aceita tal ilusão.

A ciência moderna delimita a atitude científica à busca de conhecimentos de leis e princípios que regem a realidade. Sendo que por realidade se entende apenas algo



estático, determinado, mecânico e regulado por leis fixas. Um conhecimento baseado na formulação de leis, tem como pressuposto a idéia de ordem e de estabilidade do mundo, as idéias de que o passado se repete no futuro. (SANTOS, 1999, p. 17). É interessante notar como o prefeito acredita em um elefante segurando o grão e em um urubu que quer matá-los a mando de uma Canguru revoltada, mesmo que os conceitos de um elefante, um urubu ou uma canguru sejam inexistentes em Quemlândia, fato este que possibilitaria, eliminadas tais crenças de quaisquer pensamento científico de um Quem.

“Assim, os indivíduos conhecem, pensam e agem segundo paradigmas inscritos culturalmente neles” (MORIN, 2000, p. 25), a Canguru não pode em primeira instância ser condenada por não acreditar diferente do que rege o chamado método científico. Mas pesa nela o fato de toda razão instrumental ser pragmática e imediatista, ou seja, os problemas do hoje, do agora são facilmente resolvidos. Esquecendo-se das conseqüências e com os males que possam surgir após sua intervenção, toda uma cidade foi condenada através do pensamento naturalista da Canguru.

E é tal pensamento que nos leva ao pós-modernismo, pois a desilusão humana com as promessas da era da razão e da ciência foi enorme. Em exemplos temos a “urbanização extremamente desumanizante, a monstruosa desigualdade social, a indústria de morte de armas e das drogas, a construção de campos de concentração, a confecção e explosão das bombas atômicas sobre o Japão” (LIBÂNIO, 1998, p. 62)⁸.

A sucessão das lutas e acumulação das frustrações vai aprofundando a crise da ciência moderna. “Convertida no fato sócio-cultural total, a ciência tornou-se o lugar de nossas esperanças e de nossas angústias.” (JAPIASSU, 1985, p. 93). Com a atual crise do modelo científico⁹, tais angústias e esperanças voltam a estar sem um porto seguro. O ser humano precisa pôr sua crença em algum local. Dado que todos os locais existentes foram testados e encontrados em falta, onde se encontrará alento?

3. Os Quem e o Comodismo Social (a crise da superfície)

A sociedade pós-moderna dilui-se em massas que procuram experiências fragmentadas e seguem um fluxo de euforia. Resultante disto temos mentes

⁸ Fato este que pode facilmente ser ligado ao contexto histórico da escrita do livro. Tal crise é colocada por muitos teóricos como começando logo após a segunda guerra mundial.

⁹ Para uma discussão maior sobre a crise da ciência moderna ver: EPSTEIN, Isaac . Ciência e Anti-ciência. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, n. 29, p. 13-33, 1998; JAPIASSU, Hilton. O Mito da Neutralidade Científica. Editora Imago.- Rio de Janeiro: 1985; NOVAES. Allan. A Crise da Ciência: pós-modernidade e a prática do jornalismo científico em Superinteressante <http://www.unimar.br/inovcom/artigo_01.pdf>. Acesso em: 13 de Abril de 2008.



entorpecidas que abrem mão da criatividade e da profundidade de pensamento em lugar das grandes mentes questionadoras. (cf. MORAES, 2006. SARTORI, 2001).

É a crise da superfície¹⁰. Um novo parâmetro de vida mental, cujo modelo de realização intelectual não passa de viciados em televisão. Há mais informações e menos interpretações, criando assim um comodismo social. Conforme afirma Adorno, “(...) o conformismo substitui a consciência”. (ADORNO, 1971: 293).

Fatos peculiares quebram o cotidiano de Quemplândia, como por exemplo, a cena em que Horton provoca escuridão e claridade para os Quem repetidas vezes, os quais colocam óculos escuros e retiram a cada vez que este evento ocorre.

Temos outros exemplos, como quando a neve toma conta de Quemplândia em pleno verão e a única expressão esboçada é a alegria das filhas do prefeito por poderem esquiar, ou no campeonato de pipas a partir do momento em que começa um furacão. O entretenimento dita suas vidas, impedindo que qualquer questionamento tenha lugar.

Assim como os Quem, nossa atual sociedade rejeita palavras e aceita imagens, substitui o racional pelo emocional, abre mão do significado em favor do entretenimento imediato. (cf. MORAES, 2006). O escapismo através do entretenimento torna mais fácil as decisões, que vão sendo adiadas ou simplesmente ignoradas.

4. Os Quem e a Mercantilização Cultural

Vivemos em favor de um “realismo mágico”, ou seja, o real se mistura ao ficcional, criando uma nova categoria midiaticizada de fatos. O critério da notícia é nada mais do que o interesse do espectador, assim sendo, temos a vida transformada em entretenimento, e como essa às vezes pode ser pouco atrativa, explora-se a criatividade do fictício.

O critério de medição da experiência é sua capacidade de produzir entusiasmo, e não sua profundidade ou utilidade. A experiência gera o maior impacto possível e se torna obsoleta rapidamente, abrindo assim o caminho para novas experiências e consumos. A rotatividade das informações é imensa, e algo só permanece como espetáculo até que deixa de preencher a demanda das massas, ou seja, até que pare de ser consumida pelos espectadores. Nas palavras de Debord:

“O que o espetáculo oferece como perpétuo é fundado na mudança, e deve mudar com sua base. O espetáculo é absolutamente dogmático e, ao mesmo tempo, não pode chegar a nenhum dogma sólido. Para ele, nada pára; este é seu

¹⁰ Optou-se pelo termo crise da superfície, por questões didáticas, em nada alterando os conceitos dos teóricos analisados por este trabalho.

estado natural e, no entanto, o mais contrário à sua propensão.” (DEBORD, 1997, p. 47).

Outra analogia que pode ser feita ao filme é a da cúpula do governador de Quemlândia. Quando o prefeito tenta desesperadamente alertar a população sobre a destruição, a cúpula desce fazendo com que a população não possa ouvi-los, porém, ao mesmo tempo a cúpula é transparente, permitindo que todos vejam o que se passa lá dentro. Trata-se de uma seleção de fatos, manipulando assim as informações não em sua veracidade, mas omitindo sua veiculação, selecionando apenas o conveniente.

Enquanto a cúpula permanece abaixada, uma leve música entretém os Quem, os quais mesmo notando que algo não está certo, não conseguem fazer algo ou mesmo pensar criticamente. José Arbex trabalha tais conceitos da seguinte maneira:

“Um dos desafios enfrentados diariamente pelos estrategistas da mídia consiste, precisamente, na elaboração de estratégias de dedução do telespectador/leitor, operando um inevitável espaço de ambigüidade do fato comunicativo. Trata-se de transformar a ambigüidade em seu oposto – o consenso aparente, imposto, fabricado por técnicas de propagandas -, principalmente quando o assunto remete à esfera da política e da economia. Como fazê-lo? Resposta: restringindo ao máximo o espaço de interlocução, por meio do uso de esquemas e slogans que traduzam a ‘verdade’ em fórmulas simples e tranquilizantes. Criando, enfim, metáforas que ‘explicam’ segundo receitas maniqueístas e de fácil compreensão: determinada opção econômica (por exemplo, a moratória da dívida externa) é ‘boa’ ou ‘má’ porque se situa no campo ‘bom’ ou mau’ das coisas da política e do mundo”. (2003, p. 115).

A dúvida/polêmica causada pelo anúncio do prefeito de uma possível catástrofe é substituída pelo alívio proporcionado pelo anúncio de que o Quemcentenário¹¹ continuará. Não que tal anúncio resolva o problema outrora existente, ele apenas modifica o foco, simplificando o pensamento.

“Algo não é real a menos que seja visto na TV” (VEITH, p. 58). Essa afirmação condiz com a máxima afirmada pela Canguru: “Se você não pode ver, escutar ou sentir algo, é porque ele não existe”. Desde que seja consumida e procurada pelos espectadores, a informação será mantida como espetáculo e comercializada como objeto. Aliás, a pergunta não é nem mais “É verdade?”, mas sim “Quanto vale?”.

5. O Governador e a Mídia.

No papel da mídia pós-moderna, temos o governador de Quemlândia. Ele segue a “mudança de marolas” explorada por Veith, onde o pós-moderno tenta reordenar pensamento e cultura de acordo com o interesse do momento. A realidade é tomada como um guia da construção social, isolando o indivíduo e exaltando o grupo. Isso se

¹¹ O Quemcentenário trata-se de uma grande festa em comemoração aos 100 anos de existência de Quemlândia.



torna evidente quando o governador, após passar todo o filme criticando o prefeito e a idéia de um Elefante no céu que os pode salvar, encara a voz de Horton e imediatamente passa a promover a nova proposta.

Essa atitude revela o tipo de comportamento das empresas de comunicação, que usam suas mensagens persuasivas para mudar a direção do comportamento social, suas expectativas e exigências culturais. (cf. VEITH, 1999, MORAES, 2006). A indústria cultural dita as regras que estão inclusas no modismo através de discursos mascarados pelo colorido das mensagens publicitárias. Isso acaba por contribuir para uma ordem social com dificuldades de percepção crítica embalada pelo consumismo.

“A mídia cria a necessidades de personalidades fortes com linguagens ambíguas (...) permitindo assim a cada grupo descobrir naquelas mensagens (...) o que quer achar.” (Fabrini, 1990, p. 177 in Sartori, 93)

Ela não conduz apenas as regras sociais, mas também a forma de se analisar o mundo: “ela impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente” (ADORNO, 1971, 295). Tais indivíduos não autônomos são vistos de forma singular no filme, tanto na floresta como em Quemlândia, mostrando que tal influência poderá ser sentida independente do meio social, político, econômico ou educacional. Em momento algum se tenta chegar à raiz do problema, mas sim viver a emoção do momento, quer seja ela real ou não.

6. O Poder da Imagem

Com a invenção da fotografia, cinema, televisão e internet é lógico esperarmos que “a importância da percepção visual” aumente significativamente. Hoje passamos a considerar “o ‘ver’ com ‘saber’” (ARBEX, 2003, p. 35). Somos parte de uma cultura que privilegia a percepção visual como fonte principal do conhecimento. Trata-se de uma tradição solidamente ancorada nas raízes da nossa cultura. “Quando testemunhamos diretamente um evento (...) acreditamos realmente que o que estamos vendo “é ‘a’ verdade do fato” (ARBEX, 2003, p. 34). É muito fácil acreditar que é impossível qualquer manipulação da mensagem que a imagem passa. Quanto a tal pensamento Kossoy afirma:

“Se, por um lado, ela [a fotografia/imagem] tem valor incontestável por proporcionar continuamente a todos, em todo o mundo, fragmentos visuais que informam das múltiplas atividades do homem e de sua ação sobre os outros homens e sobre a Natureza, por outro, ela sempre se prestou e sempre se prestará aos meios diferentes e interesseiros usos dirigidos. As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das idéias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública. (...) E tal manipulação tem sido possível



justamente em função da mencionada credibilidade que as imagens tem junto à massa, para quem, seus conteúdos são aceitos e assimilados como a expressão da verdade.” (KOSSOY, 2002, p. 20)

Tal fator também é retratado dentro da sociedade de Nool. A facilidade com que a Canguru consegue persuadir os animais mostra quanta credibilidade ela possui. Tais animais persuadidos passam a assimilar tudo como sendo “a” verdade, acreditando cegamente.

Na cena em que o Governador de Quemlândia dialoga com o povo e o prefeito, notamos que a massa decide a favor do discurso do governador. Tal cena exemplifica a incoerência entre a informação e a importância. Fagen afirma que independente de qual “for a realidade e coerência que os acontecimentos têm para nós, originam-se da maneira como eles foram comunicados” (1971, pág. 20). A escolha da massa tem mais a ver com a forma do Governador dizer, e não do que é dito.

A questão a ser tratada não é a escolha errada do povo, mas sim como estes estavam saturados de informação e impossibilitados de se aprofundarem no verdadeiro âmago da questão. Quem pode culpá-los por escolher a parte menos dolorida da história? Um campeonato de pipas é bem melhor do que se esconder da morte. José Arbex declara:

“Bombardeado pela crescente velocidade das inovações técnicas, científicas e culturais, o homem sente o tempo presente como algo cada vez mais fugido, criando uma contradição: ao mesmo tempo em que o capitalismo contemporâneo concentra ao máximo as demandas de consumo no momento presente, ele o torna cada vez mais instável, inseguro de si, enfraquecendo a estabilidade do sujeito contemporâneo. O enfraquecimento do tempo presente é exacerbado pela perda da capacidade de interlocução de que fala Habermas.” (ARBEX, 2003, p. 91).

Neste sentido, a crítica dos conteúdos veiculados pela mídia sempre dependerá, evidentemente, dos recursos interpretativos que o espectador dispõe. Mas como o leitor poderá mobilizar tais informações dentro de uma sociedade da informação, onde se produz toneladas de informações referentes a todo tipo e assuntos? Arbex (2003, p. 136) indica que “a confrontação da versão construída por determinado veículo, com a versão apresentada por outros veículos de comunicação” pode ser uma saída eficaz para tal crise. Mas ao aplicarmos tais conceitos para Horton e o Mundo dos Quem, percebemos que duas fontes de informações (o Governador e o Prefeito) estão em contradição abertas. Qual escolher?

A decisão tomada pelos Quem parte da versão apresentada pelo Prefeito e pelo Governador, e se soma às próprias crenças existentes. Toda essa crença ou “qualidade



dos recursos interpretativos” foi construída através da própria mídia, fator este que impossibilitou uma decisão sem manipulações. Quando se percebe que o principal em Quemlândia é o Governador, com um estilo lingüístico que os Quem estavam acostumados, é fácil notar por que mesmo o prefeito tendo a verdade ao seu lado, acaba por perder a adesão popular.

O mesmo acontece na floresta com a Canguru e os animais. Principalmente no final do filme, quando os animais se emocionam com a defesa de Horton. Embora o elefante estivesse com a verdade ao seu lado, as poucas palavras da marsupial fizeram com que os animais da floresta perdessem a simpatia por ele.

“Para Debord, o espetáculo é um instrumento para a pacificação e despolitização; é uma ‘guerra do ópio permanente’ (p.44) que choca os sujeitos sociais e os distrai da tarefa mais urgente da vida real”. (KELLNER, 2004, 123)

A mídia influencia a sociedade, mas ela não impõe a versão dos fatos que quer como verdade. Isso ocorre “exatamente” porque a comunicação depende do “contexto extralingüístico”. Sempre há um conjunto de dados extralingüísticos que condicionam o uso das metáforas, expressões, jargões e clichês empregados na estruturação da narrativa.

Mesmo ditaduras totalitárias, como Adolf Hitler, para caracterizar os judeus como fonte do mal, partiu de preconceitos já existentes na sociedade germânica. E, mesmo no auge do poder, Hitler teve dificuldades para impor o seu programa de ‘eugenia’ (eliminação dos germânicos portadores de deficiência física e/ou mental): a fase inicial do programa (1937-1942) permaneceu secreta, tornando-se pública apenas quando já não adiantava mais negar. (ARBEX, 2003, p. 137). Tal fator mostra que ainda existe solução para a atual crise da superfície.

7. Horton e a Ética no Mundo Pós-moderno.

Analisando as civilizações que estavam próximas de ruírem, Toynbee escreve: “Sociedades que estão se desintegrando (...) caem numa sensação de abandono, ‘um estado mental que aceita o antinomianismo¹² como substituto da criatividade” (1948, p 399). A ética se torna relativa, abrindo espaço para a fuga do que é correto em benefício da resolução dos problemas do grupo.

“... as pessoas param de crer na moralidade e cedem a seus impulsos à custa de sua criatividade... cedem ao escapismo, buscando evitar seus problemas ao fugir

¹² Os antinomianos são aqueles que cultivam qualquer aversão pela lei.

para seus próprios mundos de distrações e entretenimento.” (TOYNBEE, 1948, p. 404).

Tanto Horton como o prefeito são subjugados por uma espécie de coletivismo cego¹³, e recebem todas as razões para desistirem. É nesse contexto de injustiça que a ética no pós-modernismo entra em cena. Horton decide seguir seu pensamento de justiça e correr na contramão, assumindo a postura que Bauman defende em “Ética Pós-moderna”: “Nega-se-me a mim o conforto das normas já existentes e das regras já seguidas para guiar-me, para assegurar-me que eu atingi o limite do meu dever.” (1997, p. 63).

O elefante assume no filme o papel de pós-modernista tanto quanto o governador, porém, suas ações face ao comportamento de todos os outros, demonstra que é possível sim questionar o absolutismo sem dar margem à falta de ética. Sua postura permanece imutável durante toda a história, e sua moralidade chega ao ponto de pôr em risco sua própria vida defendendo pessoas que nem mesmo acreditam nele.

Em determinado momento, Horton é questionado por seu amigo Morton, o rato, que lhe sugere: “Se não quiser ter as garras de Vlad fincadas em suas costas, desfaça-se da flor. Seja apenas 99% confiável dessa vez!”, ao que Horton responde: “Pretendia dizer o que disse, e disse o que pretendia. Os elefantes são 100% confiáveis”. No atual relativismo imposto pela sociedade pós-moderna, temos divergências ideológicas. Bauman segue discursando:

“Ser pessoa moral significa que eu sou guarda de meu irmão. Mas também significa que eu sou guarda de meu irmão quer meu irmão veja, quer não seus próprios deveres (...) não importando o que os outros irmãos, reais ou putativos, fazem ou podem fazer.” (BAUMAN, 1997, p. 63).

“Uma pessoa é uma pessoa, não importa quão pequena ela seja”. Essa fala de Horton no decorrer do filme pode ser facilmente transfigurada no conceito das diferentes culturas, religiões e idéias que precisam ser respeitadas não importando o que defendem. Pessoas clamam para si o direito da liberdade de expressão através da divergência de pensamentos, porém, em vez de aceitar esse mesmo direito na opinião de outras pessoas, tendem a impor seu ponto de vista, assumindo quase que um papel ditatorial, como é ilustrado no filme pela figura da Canguru.

¹³ Entendemos que a pós-modernidade gere uma mentalidade coletivista sob determinado ponto de vista (como sociedade do espetáculo, consumismo, cultura de massa etc.) Por outro lado, cada vez mais as pessoas buscam os próprios interesses, vivem uma ética pessoal e conceito de prazer imediato ou hedonismo, desinteresse pelo próximo também estão presentes nessa mesma sociedade. Optou-se pela abordagem do primeiro grupo por achá-lo mais pertinentes no contexto do filme Horton e o Mundo dos Quem.

“A única posição coerente para os pós-modernistas é que toda conversa sobre moralidade, incluindo a deles próprios, só disfarça uma vontade, o desejo de poder. Brados por justiça, pela libertação e pelo fim da opressão só podem ser mecanismos retóricos. (...) O exercício nu do poder, sem as amarras de limitações morais, é uma fórmula que leva primeiramente ao terrorismo e depois ao totalitarismo. (...) Politicamente, a ética do desejo significa lutas cruéis por entre grupos competidores. (...). Para os indivíduos isolados, a ética do desejo significa egoísmo, promiscuidade e descontrole moral. (...) Sem uma estrutura moral, a sociedade se desintegra em facções que irão guerrear entre si e contra indivíduos isolados e depravados. Resultará num retorno à violência, perversão e anarquia”. (VEITH, p. 192)

Quando Horton está quase chegando ao local seguro, já ao final do filme, ele é surpreendido pela multidão, liderada pela Canguru, que o cerca, prende em uma jaula e traz um caldeirão fervente para destruir a pequena flor com seu grão de poeira. A Canguru clama para si o direito à verdade absoluta, forçando por meios autoritários que as outras verdades sejam extintas.

A respeito desse absolutismo moral que os falsos pós-modernistas defendem, o comentário de C. S. Lewis elucidado:

“Quando se encontra um homem que diz que não crê num Certo e Errado real, dentro de um momento você verá o mesmo homem voltando atrás. Ele poderá desprezar uma promessa que ele mesmo tenha feito, mas se você tentar quebrar uma promessa que fez para ele estará reclamando: ‘Não é justo’”. (LEWIS, 2006, p. 109).

O tempo todo a Canguru tenta, por meio de coerção, fazer com que Horton desista de sua idéia, porém, ao ser contrariada pelo próprio filho que escuta o som dos Quem clamando gritando, a Canguru começa a perder sua pose ditatorial. Ela ordena aos outros animais que peguem de volta a flor, mas estes, já cientes da verdade, não lhe dão ouvido, e ela acaba por cair no descrédito. Desconcertada, ela se isola do grupo com semblante abatido.

Ela percebe que assim como desacreditou a Horton, ela também não merece mais crédito, já que está totalmente errada, porém, o elefante fecha a cena indo atrás dela e reintegrando-a ao grupo, revelando que em nenhum momento sua verdade era para causar intriga, e sim para ajudar. “O eu sempre tem uma responsabilidade a mais do que todos os outros”. (LÉVINAS, 1985, p. 99.)

Horton tem tanta certeza sobre o que acredita, que apesar de descobrir a nova verdade sobre os Quem, não impõe em nenhum momento essa verdade, e toma como pessoal seu senso de propósito, levando adiante sua missão a despeito dos empecilhos impostos pela Canguru e pelo grupo da selva.



Conclusão

A política e a mídia estão interligadas por um novo contexto tecnológico que mobiliza nossa sociedade e dita seus costumes e a forma como encaram a cultura. Aquilo que chamamos de livre escolha, nada mais é do que as opções que a própria indústria cultural nos fornece, simulando o efeito de liberdade.

Na atual conjuntura, a mídia ganhou o papel de confiança da sociedade, visto que o cientificismo ao aclamar para si o direito de verdade absoluta. Exercendo esta função de mediadora entre realidade e sociedade, a indústria cultural encara a possibilidade da manipulação cultural.

A sociedade pós-moderna acaba sendo regida pela cultura pessoal, e como tal cultura provém principalmente daquilo que se recebe dos meios de comunicação. A massa passa a consumir cultura como um produto, e enquanto houver demanda, a indústria cultural estará lá para fornecer aquilo que a sociedade julga estar escolhendo, o que na verdade já foi programado.

A mídia então passa a controlar o que é verdade e o que não é, já que sua credibilidade é totalitária na mente do espectador. O respeito pelo ponto de vista do outro é o fator ético do filme. Ao final, quando todos descobrem a verdade de Horton, ele os perdoa como se nada tivesse acontecido. É este singularismo que Bauman defende. Em perfeita harmonia com o filme, como se já tivesse lido o livro do Dr. Seuss, Bauman explica que as regras que eu crio, são aplicáveis apenas a mim mesmo:

“Se minha responsabilidade pode afinal se expressar como uma regra, ela só será uma regra singular, uma regra que, por tudo o que eu sei e me interessa, foi expressa somente para mim e que eu ouço mesmo se os ouvidos dos outros permanecerem fechados.” (BAUMAN, 1997, p. 63).

A relatividade que eu defendo para mim é também relativa para o outro indivíduo. As regras que eu defendo, são singulares, e tangem somente ao meu contexto social. Embora a sociedade atual tenha problemas peculiares, muitas vezes traçados como impossível de serem solucionados, Horton e o Mundo dos Quem nos vislumbra, com um otimismo exacerbado, que é possível existir uma luz no fim do túnel.

Bibliografia

ARBEX JR, José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. 3ª ed. São Paulo - SP: Casa Amarela, 2003.

ADORNO, Theodor W. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BAUMAN, Zygmund. **Ética Pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.



BARTHES, Roland. **A Mensagem Fotográfica**. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da Cultura de Massa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOLL, Jr. William E. **Currículo: uma perspectiva pós-moderna**. Trad. Maria Adriana V. Veronese.- Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FAGEN, Richard R. **Política e Comunicação**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971

JAPIASSU, Hilton. **O Mito da Neutralidade Científica**. Editora Imago. Rio de Janeiro: 1985.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 3. ed. Cotia - SP: Ateliê Editorial, 2002.

KELLNER, Douglas. **Cultura da Mídia e Triunfo do Espetáculo**. In: Moraes, Dênis de (org.). **Sociedade Mídiatizada**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito: Diálogos com Philippe Nemo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-moderna**. Trad. Ricardo C. Barbosa. 5ª Ed.- Rio de Janeiro : José Olympio, 1998.

LEWIS, C.S. **Milagres**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

MORAES, Dênis. **A Tirania do Fugaz: Mercantilização Cultural e Saturação Mídiática**. In: Moraes, Dênis de (org.). **Sociedade Mídiatizada**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad.- Eloá Jacobina.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

NOVAES, Allan. **A Crise da Ciência: pós-modernidade e a prática do jornalismo científico em Superinteressante** <http://www.unimar.br/inovcom/artigo_01.pdf>. Acesso em: 13 de Abril de 2008.

PEREIRA, Reinaldo Arruda. **A Ciência Moderna, a Crise dos Paradigmas e Sua Relação com a Escola e com o Currículo** <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_PereiraRA_1.pdf>. Acesso em: 13 de Abril de 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000a.

_____. **Um Discurso Sobre a Ciência**. 11ª ed.- Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 1999b.

SARTORI, Giovanni. **Homo Videns: televisão e pós-pensamento**. Baurú-SP: Universidade do Sagrado Coração, 2001.

TOYNBEE, Arnold J. **Um Estudo de Historia**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953. 2 vols. (Condensação dos vols. I a VI e VII a XII).

VEITH, Gene Edward. **Tempos Pós-Modernos**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.